



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A LENDA DOS CIGANOS

Por MANUEL FERREIRA
Desenhos de A. CASTANÉ

ASSIM que Herodes soube que nascera o menino Jesus, ficou cheio de raiva, julgando que este lhe viria arrebatara a corôa. Então, barbaramente, ordenou que desaparecessem tôdas as crianças de menos de um ano, pois entre elas, certamente estaria o filho da Virgem-Mãi.

Choros e lamentações se ouviam por tôda a Judeia. Mas S. José foi avisado a tempo por um anjo que lhe apareceu de noite e disse:

— «José! Levanta-te e fuge com o menino e a Virgem para o Egipto! Não voltes enquanto eu não te chamar...»

Assim foi.

Nessa mesma noite, entre lágrimas, a Sagrada Família abandonou Nazaré.

E que saúdades levavam da sua casinha tão linda e acolhedora, em cujo telhado noivavam os pombos. Perto, cresciam as açucenas e, sob o alpendre, descansavam os viandantes que vinham de longes terras da Palestina.

E, com um olhar de tristeza, os olhos lindos turvados de lágrimas, sentada no jumento branco de neve, a Virgem afastou-se daqueles lugares onde, até então, fôra tão feliz.

S. José seguia junto dela, arrimado ao bordão onde floresciaam lírios. No regaço da Virgem, sorria-se Jesus...

Caminhavam de noite, fugidos à fúria de Herodes. Por vezes, os perseguidores estavam perto mas as palmeiras baixavam as folhas e cobriam os fugitivos. Em outras ocasiões era o arvoredro que ocultava a Sagrada Família.

A água sussurrava nos regatos. Já começava a fadiga a invadir José e Maria. Mas, dentro em pouco, rareava a vegetação, extinguia-se o murmúrio da brisa. Troncos queimados pelo sol e ervas rasteiras denunciavam a aproximação

do deserto. O astro-rei, ardentíssimo, parecia abraçar a terra.

A sede e a fome apareciam diante dos olhos da Santa Família.

Já caminhavam no deserto do Egipto havia muito tempo. Herodes continuava nos seus morticínios, a que nem escapára o próprio filho. A família de Jesus fôra vá-

rias vezes vítima de bandidos que assaltavam as caravanas, naquelas aldeias sem fim.

Certo dia, numa planície arenosa, José e Maria viram um enorme povoado. Aproximaram-se, pois estavam exaustos e famintos. E diante dos olhos, tinham o aspecto singular duma vitória

povoada por gente vestida de côres vivas, berrantes. Pediram pousada e alimento. Mas, brutalmente, responderam-lhes:

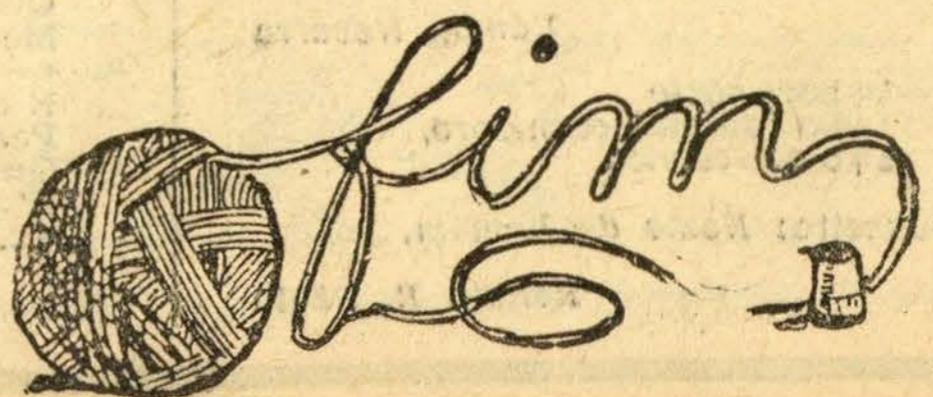
— «Vão-se embora, mendigos! O que temos não chega para nós! Caminhem...»

Então, a Virgem, num soluço, disse-lhes estas palavras proféticas:

— «Assim como me negaram pousada, serão, eternamente, desprezados por todos.»

Riram-se aqueles egípcios da maldição da Virgem. Mas, dentro em pouco, começaram a sentir o desejo louco de abandonar aqueles lugares. Assim fizeram; contudo, na mais próxima aldeia, foram perseguidos, recebendo assim o merecido castigo.

Com o tempo, o nome daquela tribo de egípcios mudou para *egipcianos*. Hoje, chamamos *ciganos* àquela gente. E, conforme a Virgem Maria disse, nunca mais tiveram um momento de descanso, vagueando, nómadas, entre o desprezo de todos, por êsse mundo sem fim...



Hora de Recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, JOGOS, ENGENHOCAS, ETC.

CHARADAS N.º 11

DECIFRAÇÕES DO N.º 7

1—Estivador; 2—Fogoso; 3—Tabela; 4—Chapado; 5—Ratoeira; 6—Increado; 7—Carneiro-carro; 8—Tacito-tato; 9—Chacota-chata; 10—Somar-Ramos.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Piruças
(Totalista)

Adriano Reis e Tomigas, 9; Oliveira-ribeiro e Zette, 8; Alfredo Matos, Emídio Matias Pinto (?) e Manecas & Tonecas, 7; Jorge Pereira e Renato R. Paulo, 6; Rex, 4.

SINCOPADAS

1—O homenzinho, a-pesar do porco lhe ter fugido, chegou *antecipadamente*.—3-2.

Maria do Ar

2—O meu alimento predilecto é o pão.—3-2.

Piruças

(Ao amigo «Fanfarrinha»)

3—Qual o melhor método para resolver uma preocupação?—3-2.

Reporter Mistério

4—Aquela peça de vestuário está dentro da habitação.—3-2.

camisa

Rex

AUMENTATIVA

5—O projectil caiu perto do glóbo.—2.

bola de bilhar

Mizita

SALTITANTE

6—O «homem» casou com a «mulher».

1 2 3 4 5 6
1 6 4 3 2 5

Mapereira

COMBINADAS

7—1+da=história não verdadeira.
1+lha=peça de barro destinada a cobrir edificios.

Conceito: Professor universitário.

Mário F. B. Ripado

8—1+te=«numero».
1+po=época.
1+tar=irromper.

Conceito: «Mês».

Ramon Navarro

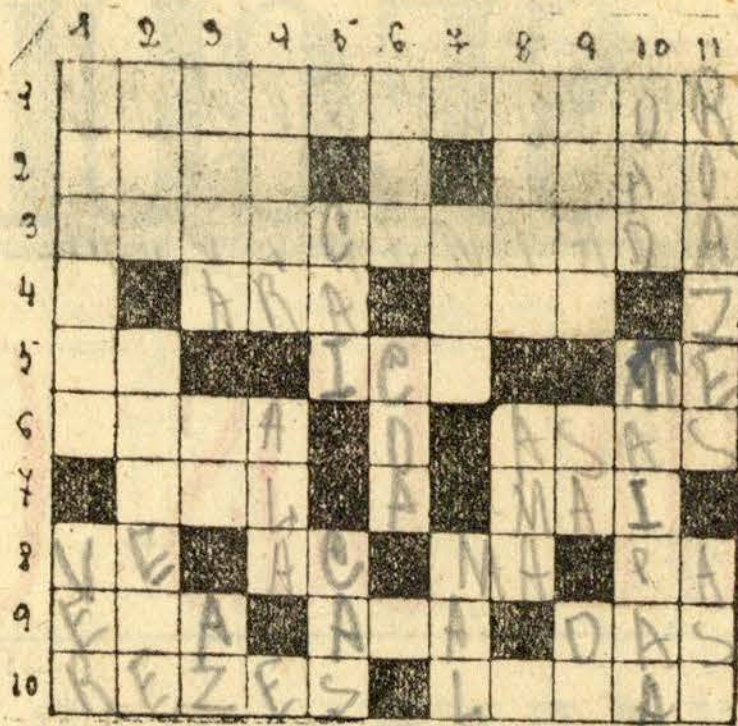
9—1+bor=gosto
1+bo=animal carnívoro.
1+dico=clínico.

Conceito: Nome de homem.

Renato R. Paulo

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 8



Renato R. Paulo

HORISONTAIS

1—Amigo de conversar; 2—Fôlha fina de ferro (*inv.*); consoante; que está no meio; 3—Não parada num lugar; 4—Vogal; altar; utensilio doméstico (*pl.*); consoante; 5—Basta!; macaco do Amazonas; pronome; 6—Nome de mulher; vogal; membros das aves; 7—Lista; vogal; origem; 8—Olha; vogal e consoante; antónimo de boa! utensilio doméstico; 9—Casta desprezível entre os japoneses; nome de mulher; cedez; 10—Qualquer quadrúpedes que servem para alimento do homem; fatigado.

VERTICAIS

1—Guarita; um dos cinco sentidos; 2—Liga; ave de rapina; 3—Pau; contracção de preposição com artigo; carta de jogar; 4—Formar em alas; fila; vogal; 5—Consoante; tomba; cabelos brancos; 6—Único; filtra; consoante; 7—Vogal; 3 letras de *topar*; antónimo de bem; 8—Cada um dos pequenos para-rapeitos, separados por intervalos, na parte superior das muralhas e castelos; senhora; vogal; 9—Deusas; apelido; consoantes; 10—Oferecem (*inv.*); estância balnear; 11—Toninhas; ocasião.

ENIGMA TIPOGRÁFICO

10— V ta II

entrevista

Rucas

MAÇADA GEOGRÁFICA

11—O sr. pede água

Marmelo Verde

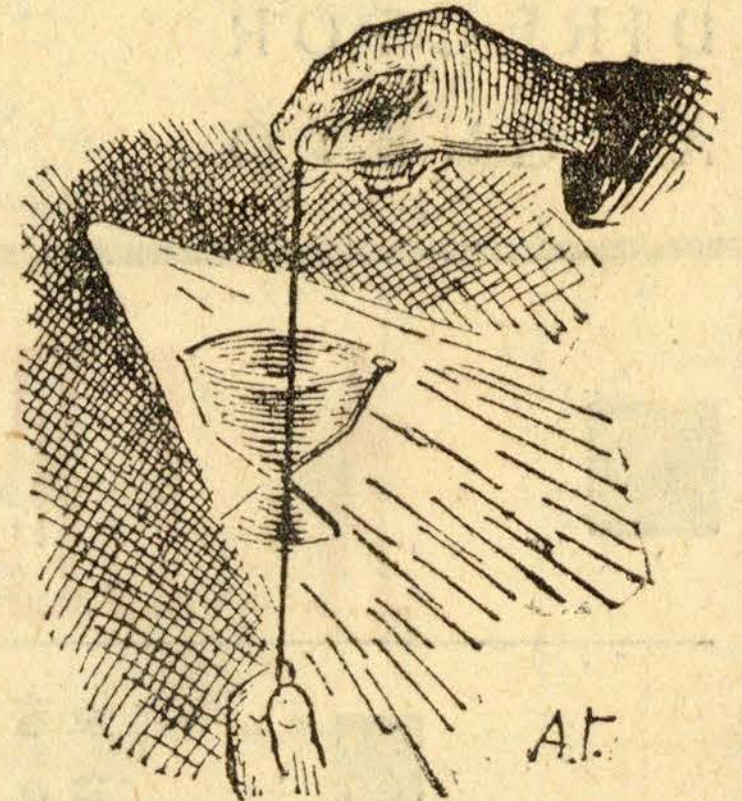
PROVÉRPIO A ADIVINHAR

12—Como sempre, curioso,
Fui visitar um amigo
Que, entre coisas que não digo,
Me confessou, desgostoso:
«—Sófro a valer de nervoso
E estou há tempo de cama,
Por amor a certa dama,
Que me não dá atenção...»
E' pois bem certo o rifão:
«... ..»

Moreno

ANOTAÇÃO AO N.º ANTERIOR

O ponto n.º 5, da autoria de «Lince», é uma charada novíssima.



CURIOSO PASSATEMPO COM ALFINETES

Pegai num elástico fino e fazei-o atravessar por um alfinete recurvado, como nos mostra a gravura acima.

Conserve-se o elástico no sentido vertical, pegando-lhe pelas extremidades e imprimindo-lhe um movimento giratório, de modo que o elástico se enrole sobre si.

Afastando as mãos, êste desenrola-se rapidamente, fazendo girar o alfinete que parece tomar a forma de um objecto de vidro.

Fortemente iluminado e destacando-se, num fundo negro, a ilusão será mais perfeita.

Muitos e variados objectos se podem reproduzir dêste modo, pondo à prova a habilidade e paciência dos nossos leitorzinhos.

CORRESPONDENCIA

Maridália—As charadas que nos enviou são difíceis de mais para uma secção de principiantes como esta, tendo a acrescentar que a êstes faltam os elementos que aos próprios mestres são indispensáveis e que levam anos a reunir. Se, de futuro, organizarmos campeonatos para os «valentões» aquelas publicar-se-ão a seu tempo.

Renato R. Paulo—Do problema de palavras cruzadas, que hoje publicamente, não nos mandou a decifração devidamente desenhada a tinta da China e em papel liso, sem linhas. Se o quiser fazer está a tempo, de contrário esta sairá em tipo.

O que faz a preguiça!...

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a: Américo Taborda—«Pim-Pam-Pum»—Rua do «Século», 63—LISBOA.

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Por JOSINO AMADO

Nasci na linda princêsa
Do Tejo claro, espelento,
Filho de avoenga nobreza,
Dos Bulhões nobre rebento.

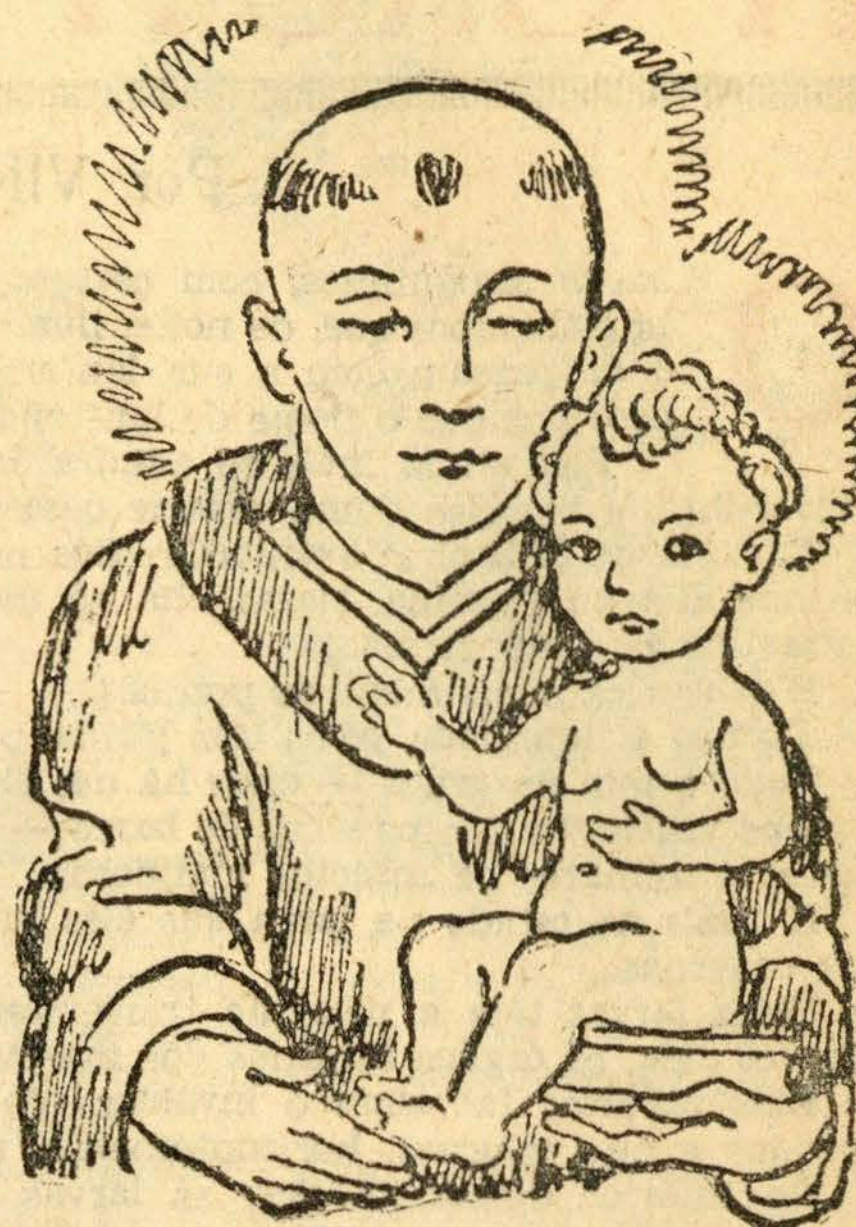
Em S. Vicente de Fora
E depois em Santa Cruz
Minha alma se revigora
A estudar, a amar Jesus.

A murça dos agostinhos
Despi, porque Deus o quis,
Para seguir os caminhos
de S. Francisco de Assis.

Com fervör, na Itália, em Fran-
ça,
Na Alemanha, em Portugal,
Prêguei com perseverança,
De Cristo a excelsa moral.

Fiz milagres às centenas,
Boas obras, maravilhas.
Até às lindas morenas
Inteirei partidas bilhas!

F I M



COLABORAÇÃO INFANTIL

QUEM A BOA ÁRVORE SE ENCOSTA BOA SOMBRA O COBRE

EM uma certa aldeia, vivia um vèlhote, rico e bom conselheiro. Na mesma aldeia, vivem dois irmãos, ambos filhos duma humilde família do povo. Estes dois rapazes chamam-se, o mais velho, Carlos, o mais novo, Eugénio.

Carlos, considerava o velho ricaço um maçador e fugia dêle; Eugénio, ao contrário do seu irmão, ouvia-o atentamente e aproveitava os seus bons conselhos; captada a simpatia do velho capitalista, herdou todos os seus bens. Já homem, de excelente educação, socorria, caridosamente, tôda a pobreza da sua aldeia.

Carlos, que não captara a simpatia do velho ricaço, nem herdara os seus bens, era mal educado e todo o dinheiro que tinha desbaratava. Não socorria os pobres como seu irmão fazia, até que se tornou um desgraçado, chegando a



pedir de porta em porta. Se não fôsse seu irmão Eugénio, recolhê-lo em casa, hoje era um miserável.

Eugénio, conhecido pelo povo da sua aldeia, como «Príncipe do bem», é o lavrador mais rico da região, pois soube aproveitar os conselhos do seu velho amigo. Casou com uma rapariga da aldeia, sobrinha do velho ricaço, que lhe deu um robusto menino, a quem, quando já crescido, Eugénio constantemente recomendava:

— «Recebe os conselhos dos mais velhos, meu filho! Não queiras ser como teu tio, que chegou a pedir esmola!



A GRUTA dos PIRILAMPOS

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

Os meus amiguinhos, com certeza, muito admiram os pirilampos que, de noite, iluminam os sítios por onde passam com a sua lanterninha, a que bem podemos dar o nome de lanterna mágica!

Pois ainda mais se admirarão com o que vou contar-lhes, a respeito duma espécie desses insectos.

Existem os bichinhos extraordinários na Nova-Zeelândia — uma ilha na Oceania. Nessa ilha há uma gruta que é a maravilha das maravilhas!

E sabem os meus meninos porquê?

Porque é iluminada pelos tais pirilampos.

Todo o teto da gruta — onde há um rio subterrâneo, no qual os visitantes dão passeios de barco — está cheio de milhares e milhares de insectos luminosos.

E' mais no estado de larva que eles iluminam as trevas das cavernas.

Estas larvas têm a pele tão transparente que se vêem, através dela, os órgãos internos dos insectos.

Elas próprias fabricam o invólucro de sêda onde estão metidas e que colocam, horizontalmente, no teto da gruta.

No interior desses casulos, as larvas deslocam-se, mexendo-se, num vai-vem contínuo.

De cada casulo, pendem vários fios de sêda, cobertos de gôtazinhas de muco.

Esses fios servem para prender os pequeninos insectos — como mosquitos, mosquinhas, etc. — que abundam nas grutas dos rios subterrâneos.



Atraídos pelo brilho dos fios, são vítimas da sua curiosidade.

O fio viscoso prende-os e logo a larva luzente arrebatada para cima a sua prêsa ou a deixa, assim, na posição incômoda em que caiu, colada ao fio, até que lhes apeteça comê-las.

Os mesmos fios de sêda ainda exercem outra função: a de reagir contra os ruídos e outras vibrações sonoras e, assim, previnem os insectos contra os perigos.

E sabem o que eles fazem, nêsse caso? Deminuem a luz da sua lanterninha ou apagam-na, por completo!

Esta lanterninha, órgão luminoso da larva luzente, é viscosa, transparente, situada na extremidade posterior e pode ser de feitio variado. Assim que a larva fica do tamanho que deve ter o que, demora alguns meses, retira todos os fios verticais e depois de ter fiado um casulo, transforma-se em crisálida, de onde há de sair o insecto, semelhante às libélulas que são também insectos com asas. Mas o pirilampo evita a luz e, por conseguinte, só raramente, se vê fora da caverna.

Pondo os ovos no teto, assegura a continuidade da sua espécie e, ao mesmo tempo, a iluminação da caverna.

E' esta uma curiosidade que os meus amiguinhos devem reter, pois o que deixo aqui escrito é uma maravilha da natureza e não uma história inventada.



BORBOLETAS ESTRANHAS

Como raridade, ainda sobre insectos, vou contar-lhes um caso extraordinário. Existe no Brazil uma grande borboleta, conhecida por *Caligo*. Essa borboleta transforma-se em coruja! Pendura-se numa trave, de cabeça para baixo, abrindo as asas, das quais só mostra o avesso que se parece imenso com os olhos das corujas. Naquela posição faz medo aos pássaros.

Como estas borboletas vivem nas florestas, entre aquela vegetação sombria, reflectidas no fundo cinzento, dão o efeito da penugem das corujas e iludem perfeitamente.

Há uma outra borboleta que vive no mês de Junho nos choupos das estradas. O seu feitio não é vulgar. Parece-se, com a vespa, por ter as asas muito transparentes, o corpo amarelo e preto e a sua própria forma ser semelhante a esse insecto. Os outros animais tomam-na por tal e, sendo ela inofensiva, é temida. Isto serve-lhe para se livrar dos inimigos e, também, para apanhar as prêsas que lhe convêm. E aí vai mais um caso estranho, para acabar.

Uma outra borboleta, enquanto é larva, cobre-se de poeira e teias de aranha. Todos os outros animais julgam que ela é uma bola de porcaria e nenhum a ataca.

Assim, a espertalhona pode, facilmente, aproximar-se das pulgas das roseiras e de vários vermezinhas de que se sustenta.

F I M

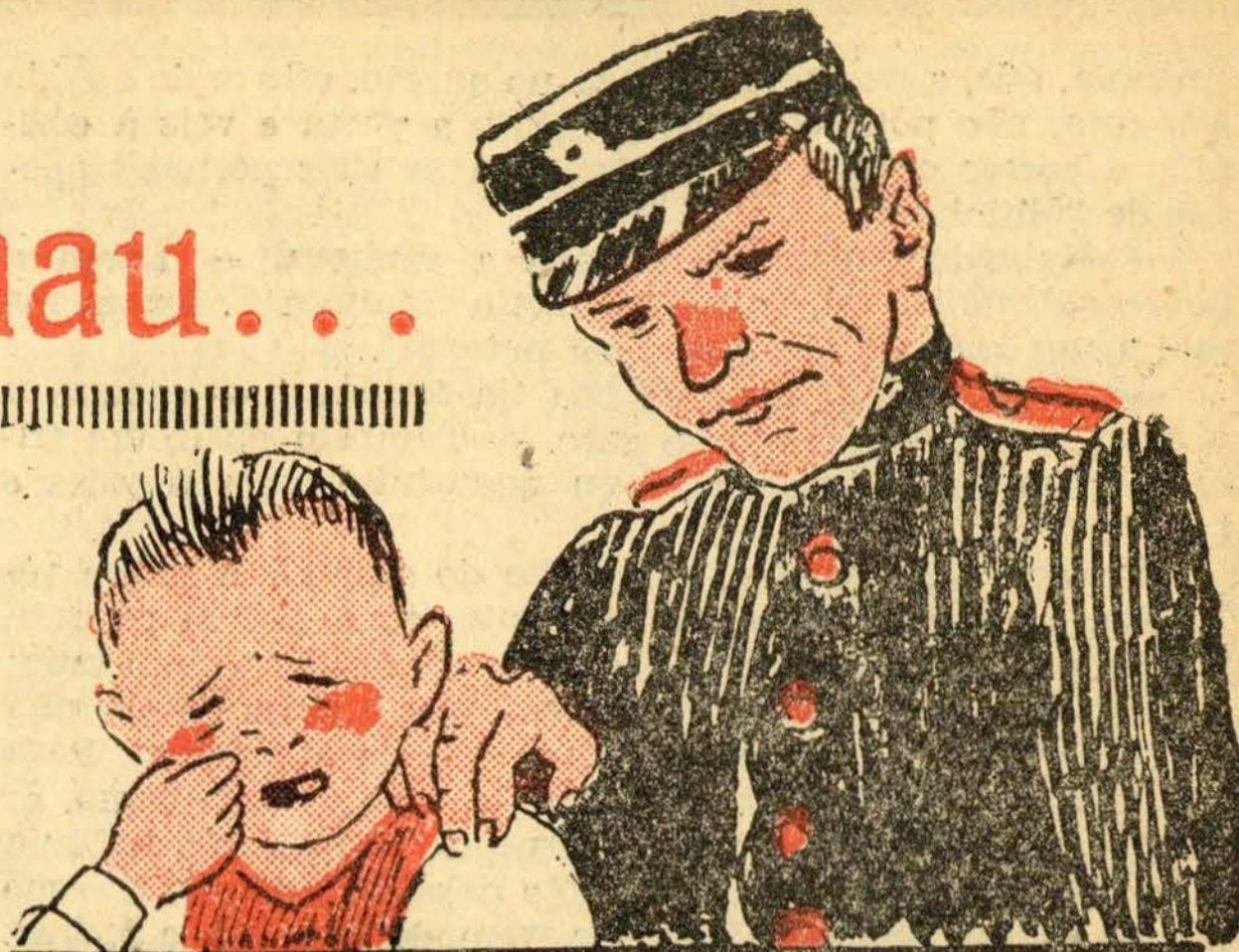


Era uma vez um menino mau...

Por LEONOR DE CAMPOS

ERA uma vez um menino mau. Tão mau era ele que ninguém o suportava. Na escola tanto os condiscipulos como os serventes, esperavam com impaciência que terminasse a hora de recreio, só para se verem livres dele. Porque, dentro da aula, o menino João não tinha outro remédio senão portar-se bem. Pudera!... O senhor professor sabia, como ninguém, manejar a régua... E tinha a mão tão pesada, tão pesada, que os rapazes maus, saíam às vezes da escola, arrependidos das suas maldades e sem vontade de voltar a fazê-las.

Em casa o João por todos era detestado. Por todos, menos pelos pais. Os pais gostam sempre dos filhos. Quando eles são maus, têm com isso um grande desgosto, é claro. Porque, meus amiguinhos, quanto mais gostamos duma



E' verdade: Esquecia-me de prevenir-vos duma coisa: Tudo isto sucedia, quando os pais do João não estavam em casa. Quando eles estavam, lá havia uma ou outra maldade — uma picadela na cauda do gato, um susto à tia Antónia — mas nada que pudesse comparar-se ao que fazia na ausência dos pais!...

Mas como vocês sabem — sim, porque não há menino que o ignore — os maus acabam sempre por sofrer castigo. E o João apanhou um de alto lá com ele!...

Certa tarde de regresso da escola, o João viu a criada a benzer-se, sentiu o cão e o gato a correr desvairadamente, no fito de se esconderem, ouviu fechar com estrondo a porta do quarto da tia e a chave fazer *trre!*...

— «Viva!... — gritou o rapaz — Já sei que a mãe saiu!... Não é verdade, pascásia?»

E, agarrando a criada pelo nariz, obrigou-a a executar uma pirueta.

— «Ai!... Ai que me mata!» — gritou a rapariga, espavorida.

— «Ai que me mata!...»

Ai que me arranca a batata!... — cantarolou o João, a rir, muito consolado.

Depois dirigiu-se à cozinha, a perguntar:

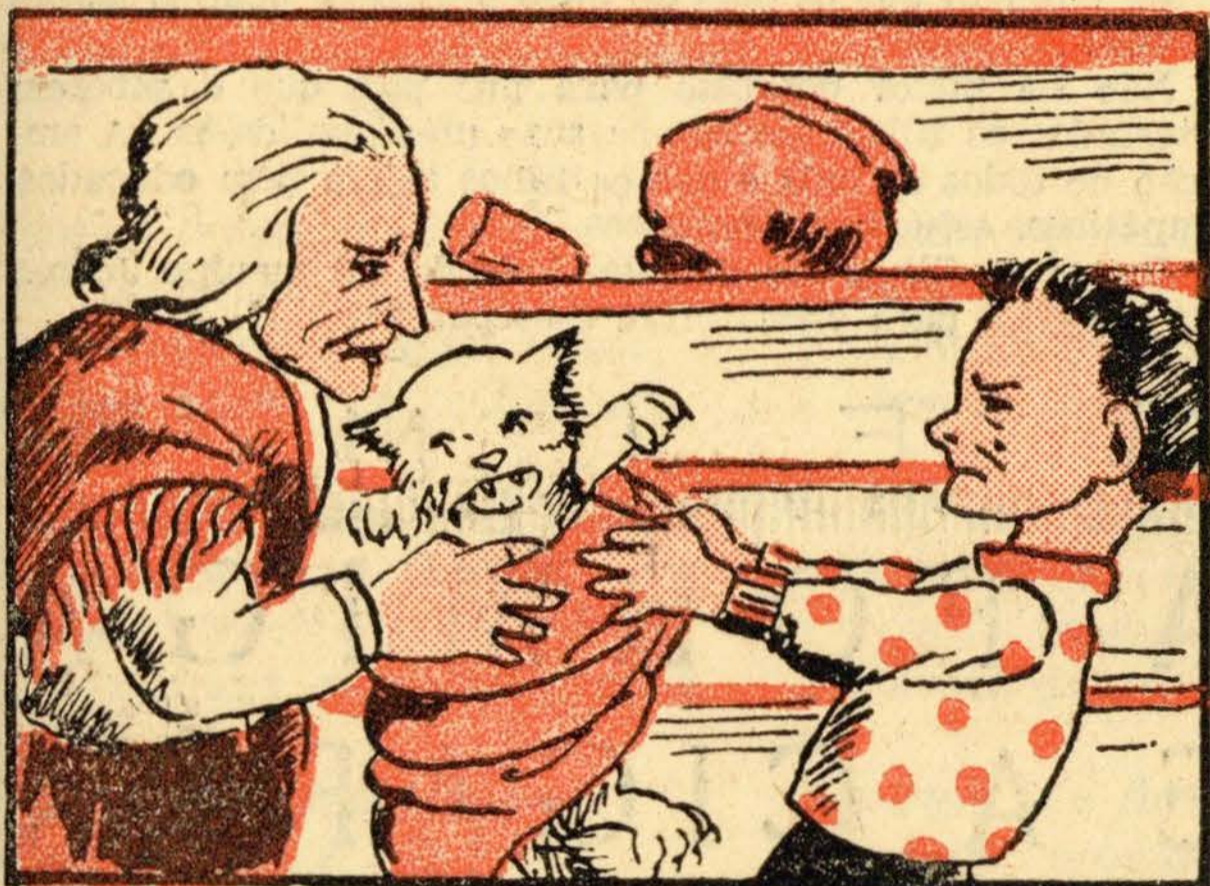
— «Onde pára esse Tareco? Quero metê-lo num tacho. Gôrdo como está, deve dar um excelente pitéu!...».

Espreitou todos os cantos da cozinha, esquadrinhou debaixo do lava-louça... debaixo das mésas...

— «Olá!... Cá está ele!...» — E, dum salto, agarrou o bichano com tóda a fôrça. Sem se importar com os seus protestos e as tentativas que o animal fazia para se livrar dele, embrulhou-o num pano de cozinha e apertou-o bem, deixando-lhe só a cabeça de fora.

— «Que lindo estás, meu bigodaças de olhos amarelos!... E agora vais para o tacho... Ouve cá: tu serás mais saboroso, guisado ou de fricassé? Hein?»

O bichano, como podem supôr, não respondeu. Mas a tia



pessoa maior é a nossa mágoa, se essa pessoa não corresponde ao que dela esperamos.

Pode, pois, avaliar-se da tristeza em que viviam os pais do João!... Constantemente eram informados de novas maldades praticadas pelo filho!...

Quando à tarde o rapaz chegava a casa, vindo da escola, o cão ia esconder-se debaixo da cama da criada; o gato ocultava-se na despensa; a tia Antónia — velhinha encarquilhadinha que vivia lá em casa — fechava-se a sete chaves no seu quarto e a criada benzia-se logo, a resmungar:

— *Cruzias, cruzias!... Lá vem o demóino!...*

Mas, a-pesar do cão e do gato se esconderem, da tia Antónia se fechar e da criada se benzer, um quarto de hora depois só se ouviam gritos, ganidos, miados, protestos e lamentações!... Que pavor!... Era tal qual uma revolução no interior da Pa-puásia!...



Antónia, que, a-pesar-de fechada no quarto, estava de ouvido à escuta, não pôde conter-se... Abriu a porta e veio à cozinha, a correr quanto lho consentiam as suas pernas trôpegas de velhinha.

— «Malvado rapaz! — gritava a senhora. — Larga o pobre gatinho!... Ai, valha-me Nossa Senhora!... Quem faz mal a um animal, não é de bom natural!...»

— «Ora cá temos a nossa boa tia Antónia! — exclamou o João, sempre agarrado ao gato. — Também quere um fricassézinho de bichaninho, bem quentinho, com bigodes e tudo?»

E chegava-lhe à cara, o focinho do animal. A pobre velhinha, assustada, não só pelo gato, como por si própria, tentou, então, arrancar-lho das mãos. Um puxava dum lado; o outro do outro. E tanto puxaram, que o pano de cozinha desenrolou-se. O bichano soltou-se e quis escapar-se. Para isso, deu um salto. Mas, na confusão, não se sabe como, as unhas prenderam-se-lhe no carrapito que a tia Antónia usava no alto da cabeça. A velhota desatou a gritar. E como o gato miava desesperadamente, vem de lá o cão a ladrar. Mas o João dá-lhe um pontapé valente e o cão vai estatelar-se sobre a mesa da cozinha, a ganir, a ganir!...

A confusão é medonha, alucinante. A criada perde a cabeça... E, sem saber como há de escapar àquêl cataclismo, corre para a janela, a gritar:

— «O' da guarda!... O' da guarda!...»

A vizinhança assusta-se... O polícia de serviço na rua, apressa-se a vir informar-se do sucedido.

E tendo chegado à conclusão de que o culpado de tudo era o João, agarra no rapaz e leva-o para a esquadra.

Quando, horas depois, os pais do desordeiro chegam a casa, sofrem o maior desgosto da sua vida... E tão grande é, que logo ali resolvem internar o rapaz num colégio, com recomendação especial ao director para que o castiguem, sem dó, sempre que éle o mereça...

Foram buscá-lo à esquadra e, de seguida, levaram-no para o colégio.



ADIVINHA

Meus meninos:

Vejam se descobrem a menina que este janota procura com tanto carinho.

ANEDOTA

Carlitos redige, pela primeira vez, uma cartinha a uma priminha ausente.

Ao terminar o primeiro período, — (Estimo que esta te encontre de saúde...) — deixa cair um borrão e acrescenta: — (Desculpa o borrão, que caiu sem eu querer.) Logo em seguida assina: — (Teu amiguinho — Carlos),

Faz o sobrescrito e escreve à margem: — Urgente.



Há dois meses que la está e não tornou a ver os pais. E' que éstes ficaram tão desolados com a última cêna que éle fez em casa, que decidiram, para maior castigo do João, não o visitar, enquanto o director do colégio os não prevenisse de que o rapaz, durante oito dias a fio, se tinha portado como pessoa educada.

Eu entendo que os pais do João procedem bem. E' assim mesmo!...

Não há maior desgosto para uns pais que o saberem detestados os filhos, devido às suas más qualidades. A ambição de todos os pais é que os filhos sejam bem educados, simpáticos, estudiosos, honestos.

Ora se os filhos são da qualidade do tal menino João... que desgosto para éles!... Não lhes parece?

F I M

A FORMIGA E A CIGARRA

Por JOSINO AMADO

MÉS de Agosto... O Sol ardente
Queima a terra, seca as fontes...
Não há ervinha virente
Pelas ladeiras dos montes.

Não se ouve a doce balada
Das águas dos ribeirinhos.
Há meses não cai chuvada,
O pó inunda os caminhos.

Nos seus ninhos muda a lira,
A passarada sossega,
Só a cigarra delira
Com a sua cega-rega.

Ao vê-la tão jubilosa,
Tão contente, tão feliz,
Uma formiga sequiosa,
Chega-se ao pé dela e diz:

(Continua na página 8)

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



48

Médico ilustre, não pôde
Um momento sossegar.
Com um ardor nunca visto,
Andou sempre a trabalhar.

Para levar a saúde
Lá onde a negra doença
Fazia chorar os olhos
E espalhava angústia imensa.

Quási nunca descansava
E dizia, muita vez:
«E' preciso trabalhar.
Provar que se é português!»

Não foi apenas um homem
Aos outros homens igual:
Foi um anjo salvador
Junto de quem tinha o mal.

E às lindas almas celestes
Sua grandeza se irmana,
Bendito, pois, êste sábio
Que era



49

Quem é português não sabe
Para trás nunca voltar.
Luta sempre com ardor,
Mesmo tendo que tombar.

Indo o «Augusto de Castilho»
A guardar o «S. Miguel»,
Pois os barcos alemães
Davam guerra sem quartel,

Surgiu um dos submarinos
E êste heróico português
Atirou-se-lhe com fúria,
E quási recuar o fez.

Mas lutou com tal bravura
Que o inimigo espantado
Não sabia que fazer
Ante um gesto tão ousado.

Morreu? Mas cheio de glória,
Como todo o bom marujo.
Há muito não há herói
Como



50

Tendo feito só prodígios
Sôbre a terra e sôbre o mar,
Eis que um dia os portugueses
Tentam seguir pelo ar,

Aquela terra onde fôra
Pedro Álvares Cabral.
E ante um tão famoso feito
Tudo fala em Portugal.

Tudo segue, entusiasmado,
Em tôda a terra — que lindo! —
Essa espantosa viagem
Através do espaço infindo.

E quando êles terminaram
Seu feito arrebatador,
Nossa Pátria era mais linda,
Nosso nome era maior!

Por isso todos os peitos
Nas terras de Portugal,
Veneram Gago Coutinho
E

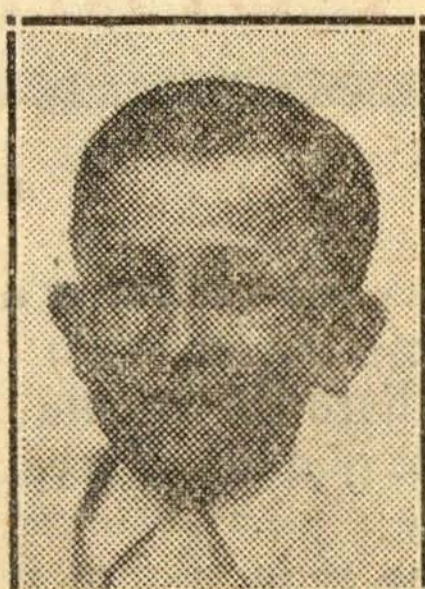
CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS — Classificados



Julio Pomar



Maria Manuela Cidrais Dentes



Antonio Celestino Cidrais Dentes



Fernanda de Pina Gonçalves



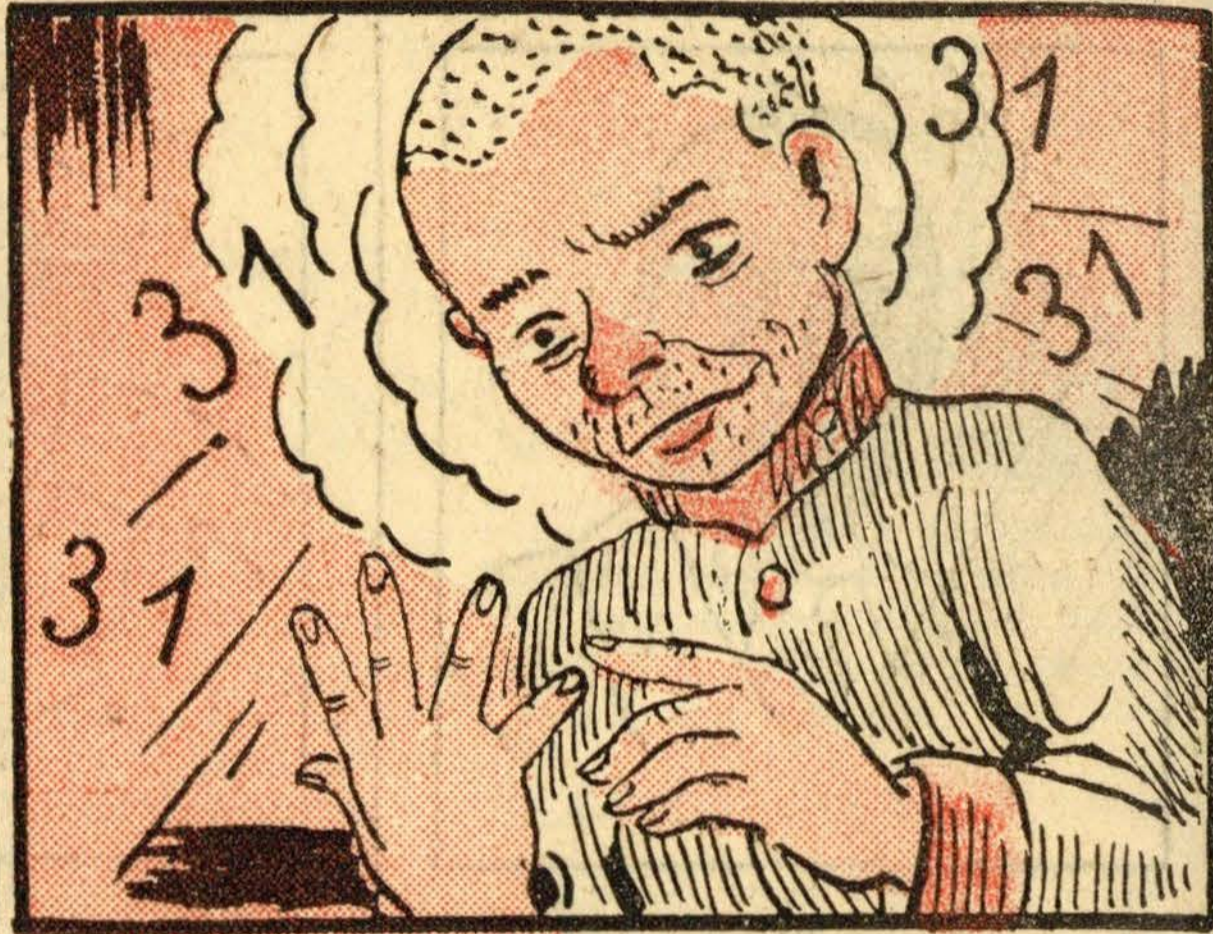
João José Coelho Gaspar

TIPOS DA ALDEIA

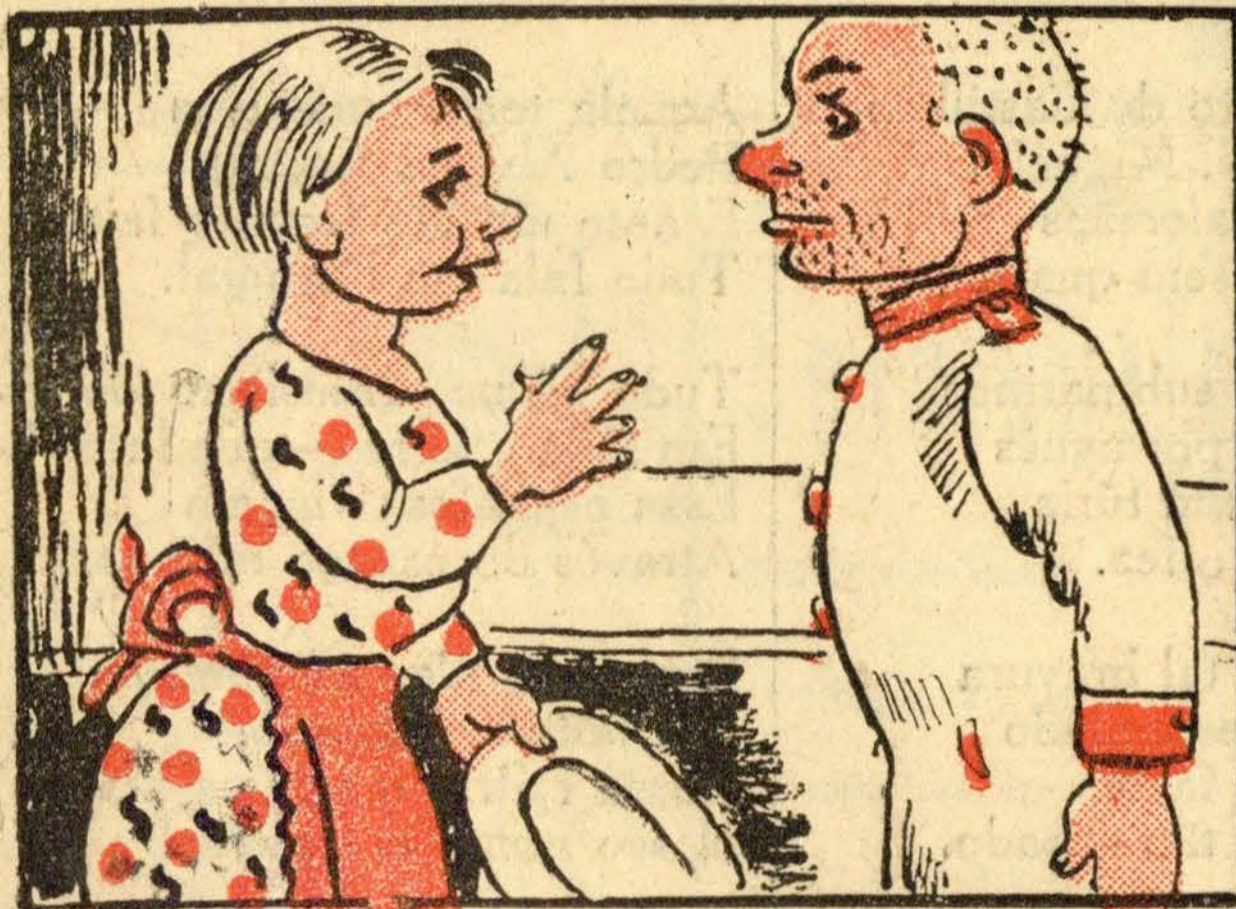
O "31"
POR NAMI



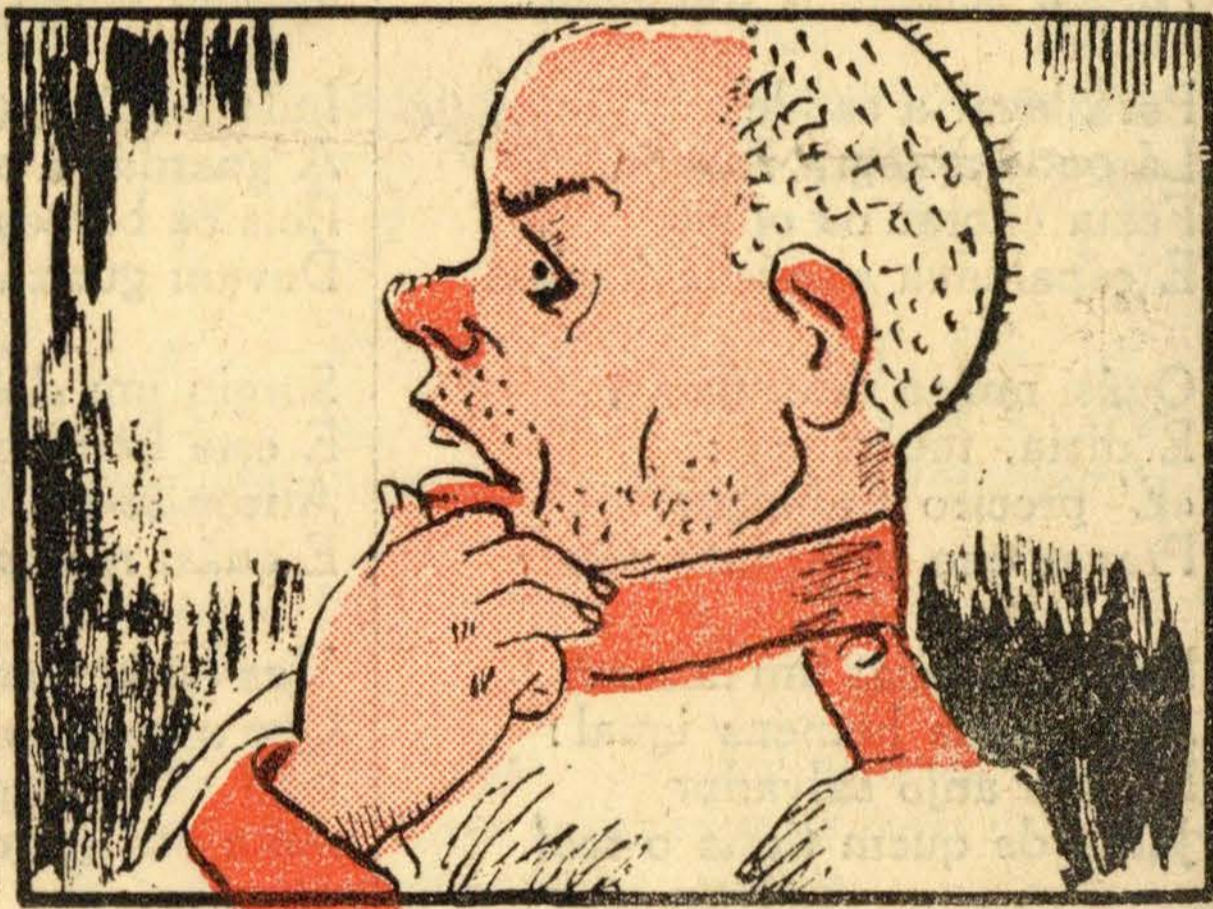
O nosso «herói» servia de impedido em casa dum senhor oficial; e, em virtude de ser muito entendido, ia tratando as couves do quintal.



Errava o rol das contas, o lapuz, pois nestas era pouco habilitado; mas lá ia levando a sua cruz, na bondade dos amos confiado.



Diz-lhe, um dia, a criada Josefina:
— «Vem cá, ó «trinta e um» vem cá depressa...
Vai a casa da D. Joaquina,
levar, mas com cuidado, esta travessa.»



O «31» olha-a com riso alvar e diz, por fim, sempre no mesmo tom:
— «Eu estou a rir-me, assim, por ignorar que até as Joaquinas tinham dom!»



A Formiga e a Cigarra

(Continuado da pagina 6)

— «Deus vos conserve a alegria,
Que hoje tendes, vida fora
E vos livre da agonia
Da sêde que me devora.»—

— «Tens sêde, pobre formiga?»
— Volve a cigarra—anda cá...
Sobe, que esta árvore amiga
Frêscio licor te dará.»—

E a cigarra o caule pica
E à picada seiva deita.
A formiga bebe e fica
Consolada, satisfeita.

E ao retirar, com ternura,
Agradecida, rezou:
— «Deus lhe pague com ventura
A sêde que me matou!»